



ANA PAULA
ROCHA

anniepaulla@hotmail.com

OS MORTOS, O CÃO E A PEDRA

A morte é algo que sempre me assombrava; ainda me assombra. Não tenho medo, é difícil explicar. A morte é para mim como um irmão mais velho com o qual eu nunca tive contato direto. Ainda assim, sei que é uma parte de mim. A morte é a minha lembrança mais antiga, precisamente a primeira. Não há maneira eficiente de apagar da memória a primeira coisa que se viu tendo consciência de que se estava vendo. A primeira cena é a que você carregará para sempre, tentando em vão entender como ela se dera, porque se cravou tão forte na cabeça. Eu desisti de compreender minha lembrança inaugural. Não se compreende a morte, apenas a sentimos e nos assombramos.

Eu vi uma mulher descabela chorando desesperadamente sobre o corpo de um velho pálido, branco-morte. Recordo ter segurado a mão da minha mãe quando a

mulher gritou e suspendeu o velho pelo colarinho. Ela beijava-lhe a boca e xingava-o enquanto sacudia-o para um lado e para outro. Jamais saberei qual foi a reação de quem estava ao redor; só tinha olhos para ela e o morto, aquele homem calado, quieto, calmo. Obviamente ele não respondia aos berros da mulher e eu, na época com quase quatro anos de idade, somente fui entender o porquê daquela complacência dois dias e meio depois, quando a morte apareceu para mim de novo. Eu remoí aquilo como uma vaca ruminando capim, e nada se encaixava. Queria perguntar à minha mãe, contudo havia um espanto rondando o que vivera. Estranhamente, percebia uma aura de silêncio a respeito daquele assunto. Não deveria perguntar, deveria descobrir por mim mesmo.

O segundo morto que vi me causou mais comoção e incompreensão do que o velho, pois era uma menina. Não sei precisar a idade – algo entre cinco ou seis anos. Eu recebera de umbigo a certeza de que os

idosos morrem e os jovens sofrem uma tragédia. Era um corpinho tão esguio, de menina-anjo, um sorrisinho na boca que mais levava ao desespero do que acalentava o coração dos pais. Desta vez também uma mulher chorou, esbravejou com a menina ao colo falando “Ela está viva, olha a boquinha dela!” e num relance vi que seu marido, o pai da recém-defunta, não aguentava escutar a voz da esposa. Numa repetição assustadora, mais uma vez agarrei o braço da minha mãe e olhei-a quase implorando um abraço, queria ir embora. O rosto dela se contorcia horrivelmente. Achei que fosse reflexo do choro da outra. Olhando para os outros pares de olhos ali presentes, todos, sem nenhuma exceção, sangravam lágrimas. Uma moça de olhos singulares, um verde e o outro castanho, era a única entre os adultos que chorava sem fazer careta. Ela tocava a barriga e chorava, chorava muito, mas não vi feiura em sua face. Era muita maldade da minha mãe permanecer com o filho em meio àquilo tudo, fazer uma criança assistir ao episódio

final de duas vidas em um espaço tão curto de tempo. Não sei se ela queria me imunizar, me passar algum ensinamento que somente presenciando eu poderia absorver. Estava com muitas dúvidas naquele momento para enveredar pela mente da minha mãe.

Dizem que, em cidades pequenas, quando um morre leva logo companheiros, que é para não subir sozinho o caminho. Portanto, não era de intrigar-se que após o velho e a menina mais um partisse no dia seguinte. A notícia correu de boca em boca, e novamente eu e minha mãe fomos caminhar até a casa do morto. O caixão de madeira escura estava no meio da sala e cadeiras se distribuía circundando o falecido. Não havia mais nada: nenhum tapete, relógio, quadro ou jarro. A morte crua e nua encenava no tablado de tijolinhos hexagonais o seu monólogo. Sentamos um ao lado do outro e observamos o mesmo ponto. O semblante do homem era de cera. Minha mãe estava com uma saia de tecido fino de comprimento abaixo do joelho, uma sapatilha de pano,

simples, a blusa de botão e cara de pêssames eternos. Era essa a roupa que ela usava para funerais. Naqueles últimos dias, eu começava a enxergá-la como um uniforme atroz, um anúncio. Ela colocou uma canela sobre a outra e balançava as pernas nervosamente. Com meus infantis olhos eu construía a parte surreal do fragmento de meninice que se descortinava na sala de uma casa que anos depois eu não saberia localizar. A crueldade da minha mãe insistentemente batia à porta. Esmagar o horizonte de uma criança com a exposição tão prematura da maior incógnita humana era sadismo maternal do mais puro. Se isso não existia antes, então minha mãe acabara de inventar. Era sua perversão sobre mim.

Aos poucos as cadeiras de plástico foram sendo ocupadas. Timidamente, os que chegavam se avizinhavam de quem, creio eu, eram os parentes do finado e davam-lhes as condolências. Uma jovem entrou com um bebê nos braços. No centro da testa do neném envolto em panos havia um pedacinho

de algo vermelho grudado. Na cadeira ao lado da minha, uma velha de aparência deprimente resmungou uma frase desconexa: “Morreu o Durval, a menina da Coralina, o Urbino e o cão”. Minha mãe confirmou com a cabeça, sem mirar a velha, e completou “e a pedra... sempre a pedra”. Eu não ouvira falar da morte de nenhum cachorro, muito menos de uma pedra. Até acreditei na morte de ambos, só estranhei o fato da minha mãe não ter me carregado a nenhum lugar onde encontrássemos um cachorro ao centro com pessoas chorosas, ou uma pedra dentro de uma cama de madeira.

As crianças são felizes porque são esquizofrênicas, e na esquizofrenia temporária na qual eu estava, senti pesar pelo cão e pela pedra, seres que eu lamentei não ter velado. Quantos mais eu não velara? Pobre cãozinho... Eu tinha um naqueles tempos, um vira-lata mínimo, sem rabo e muito menos peso. Sobre as pedras eu não tinha o que pensar, nunca criara amor por elas. Como é que eu iria saber que colocar

pedras ou cães ao final da contagem de falecidos impediria mais enterros? Essas crendices de cidade interiorana eu ainda não conhecia. O pontinho vermelho na testa do bebezinho me parecera um detalhe, e não um remédio contra soluços, como todos lá garantiam. Eu tinha quase quatro anos, não se pode esperar muito de alguém nesta idade além do deslumbramento e das perguntas. E estas últimas pipocaram dentro de mim. Eu queria nomes (Toco, Pretinho, Rex, Totó), tamanhos e cores (marrom chocolate, cor de areia, cinza chumbo). Era um cão e uma pedra, os dois mortos. Era algo especial, digno de atenção. Ao menos para mim.

Pensava em qual seria o peso da morte para o cão e a pedra. A velha que fizera a metade da revelação contemplava, acredito, o padrão dos tons de cada tijolinho que revestia o chão daquela sala atemporal. Sua atmosfera era um tanto insana, os olhos iguais aos da moça de olhos dúbios em sua capacidade de me capturar a alma. A mão de canhota enrugada e manchada ficava parada

no ar esperando alguma coisa. “A coleira”, foi o que eu disse. Ninguém ali me ouviu. Eles olvidavam coisas para o homem carregar para debaixo da terra consigo. Enxergavam tijolinhos onde eu via pedras. Vi pedras perecidas, não simples pedras. Fui atingido por uma bordoadada de sentido. Os mortos, o cão e a pedra – todos em paz. Esse estado letárgico de sonho e alarme, sendo penduricalho num enterro de desconhecido, me fez dormir em semivigília. Pus minha cabeça sobre as finas coxas agitadas da minha mãe e adormeci após estabelecer ordem no meu mundo.



www.escritorasdabahia.com.br

ANA PAULA ROCHA nasceu em Palmeiras/BA em 1994. Escreve crônicas e contos e atualmente cursa licenciatura em Letras Inglês/Português na Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Saiba mais sobre a escritora:
www.escritorasdabahia.com.br
